

Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica

Ivo da Costa do Rosário¹
Monclar Guimarães Lopes²

Resumo: Neste artigo, propomos uma abordagem sincrônica para o estudo da mudança linguística em perspectiva construcionista. Defendemos um modelo analítico com base nos pressupostos teóricos tanto da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) quanto dos estudos que versam sobre variação, gradiência e gramaticalidade (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010; ROSENBACH, 2010; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; PIETRANDREA, 2005; entre outros). A perspectiva da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), embora represente um modelo, ao mesmo tempo, funcionalista e cognitivista para a abordagem construcional em mudança linguística, volta-se exclusivamente para a investigação diacrônica, conforme sustentam os próprios autores. Nesse sentido, cunhamos o termo *construcionalidade*, uma categoria analítica que busca descrever as relações horizontais e verticais entre construções no plano sincrônico. Sustentamos que essa abordagem preenche uma lacuna de cunho teórico nos estudos construcionistas, haja vista o grande número de pesquisas de caráter sincrônico em desenvolvimento em nosso país.

Palavras-chave: Construcionalidade. Mudança linguística. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Considerações iniciais

Segundo DeLancey (1994, p. 5), a tentativa de construir uma teoria linguística de modo a salvaguardar a prevalência de padrões harmônicos sem referência à diacronia é tarefa equivocada. Essa asseveração do autor, de caráter bastante categórico, parte do princípio de que todo estado atual de uma língua humana é fruto de desenvolvimentos históricos que precisam inevitavelmente ser levados em consideração na análise linguística. Nesse sentido, a diacronia teria um alto poder explicativo, baseado em evidências empíricas atestadas.

Seguindo uma linha geral adotada por pesquisadores dos diferentes “funcionalismos”, concordamos com a alta relevância dos estudos diacrônicos no cenário da pesquisa linguística. Os inúmeros resultados alcançados em dissertações, teses e em outros estudos demonstram a

¹ Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela UFRJ e doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela UFF. Atualmente é docente de língua portuguesa do Instituto de Letras da UFF e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela UFF. Atualmente é docente de língua portuguesa do Instituto de Letras da UFF e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

eficácia da pesquisa de cunho diacrônico, que está tanto no cerne do Funcionalismo Clássico³ quanto no de outras vertentes. Entretanto, defendemos que a pesquisa sincrônica, calcada na variação, também tem sua relevância e pode, inclusive, ser adotada em trabalhos voltados para a mudança linguística.

Segundo Trousdale e Traugott (2010, p. 4), “a variação é o resultado e a razão da mudança”. Mesmo nos trabalhos seminais em gramaticalização, alguns aforismos que destacavam a relevância da sincronia tornaram-se clássicos, como o de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (GIVÓN, 1971, p. 413) e que “a sintaxe de hoje pode ser o produto da pragmática discursiva de ontem” (FAARLUND, 1989, p. 71). Assim, é fundamental que a pesquisa sincrônica ganhe relevo nos estudos de mudança linguística, e igualmente é imprescindível que esses estudos em perspectiva sincrônica sejam dotados de um referencial teórico consistente.

A defesa do conceito de *construcionalidade* está na base de uma hipótese geral sustentada por Traugott e Trousdale (2010, p. 31): “A gradiência que é atestada sincronicamente advém do resultado de sucessivos micropassos que resultam de uma operação dos bem conhecidos mecanismos de reanálise a analogia”. De fato, se os mecanismos cognitivos (neuromotores e perceptuais) atribuídos ao ser humano são os mesmos em todas as culturas (cf. BYBEE, 2010), então os mecanismos que operam na mudança diacrônica também atuam nas diversas atividades em que os falantes se inserem em um dado recorte sincrônico.

O conceito de *construcionalidade* não se opõe aos estudos em construcionalização. Ao contrário, os completa, ao lançar um passo à frente e suprir uma lacuna, visto que uma série de investigações linguísticas sincrônicas levadas a cabo na atualidade carece de uma base teórica concreta alinhada a essa vertente bastante atual dos estudos funcionalistas.

Com o objetivo de definir, sustentar teoricamente e ilustrar de forma empírica o estatuto da construcionalidade, este trabalho está dividido em cinco seções. Na seção 1, tratamos do conceito de mudança linguística e de como ele é associado a variação. Nas seções 2 e 3, traçamos uma breve revisão de literatura, em que recorreremos tanto ao modelo da

³ O termo Funcionalismo Clássico remonta à perspectiva da Linguística Funcional norte-americana adotada, sobretudo, na segunda metade do século XX e início do século XXI, cujas investigações se voltavam, prioritariamente, para a trajetória de mudança de um item que partia do léxico para a gramática, ou ainda, do menos para o mais gramatical. Nessa abordagem, os estudos funcionalistas ainda não trabalhavam com a visão construcionista.

Construcionalização e das Mudanças Construcionais, de Traugott e Trousdale (2013), de perspectiva diacrônica, quanto a estudos de base funcionalista em perspectiva sincrônica. O objetivo dessas duas seções é o de levarmos o leitor à reflexão de que, assim como foi possível propor uma investigação sincrônica para fenômenos de gramaticalização, também é possível sustentar um estudo sincrônico para a mudança em abordagem construcional. Na seção 4, abordamos as características e as propriedades da construcionalidade com exemplos. Por fim, fechamos o trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas.

O que é a mudança linguística?

A variação e a mudança são temas muito caros aos estudos sociolinguísticos. Nesse sentido, é importante verificar como os teóricos dessa área entendem a questão da mudança. Trata-se sempre de um fenômeno estritamente diacrônico? Essa questão é fundamental, pois se o conceito de mudança admitir claramente o trabalho com sincronia, então a *construcionalidade* poderá ser um conceito relevante e útil aos estudos linguísticos com base na língua em uso, no recorte sincrônico.

Labov (2008, p. 20-21) afirma o seguinte:

Parece haver ideias diametralmente divergentes no conjunto de explicações para o mecanismo da mudança. O procedimento diacrônico usual, tal como seguido na paleontologia ou na geologia, consiste em explorar o mecanismo da mudança entre os estágios buscando dados em estágios intermediários. [...] Esse certamente é o método seguido por linguistas históricos como Jespersen, Kökeritz e Wyld, e é a motivação por trás de suas extensas buscas por detalhes históricos [...] Poderia parecer que a abordagem histórica seria a mais apropriada a uma ciência empírica preocupada com a mudança, até mesmo num curto espaço de tempo, já que essa abordagem leva a afirmações cada vez mais sujeitas a confirmação ou refutação. [...] O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Labov (2008) considera que o estudo da mudança não pode estar preso apenas a investigações de cunho diacrônico. Ao contrário, o autor afirma que a vida social da comunidade e as pressões advindas desse contexto operam continuamente sobre a língua.

Logo, a ideia de mudança não é apenas ligada a aspectos diacrônicos. Devido à relevância da contribuição de Labov (2008), cremos que essa afirmação do autor é bastante importante para a defesa que fazemos neste estudo.

Mendes (2017), no contexto da chamada Terceira Onda da Sociolinguística, faz uma longa crítica acerca do texto clássico de Weinreich, Labov e Herzog (1968), e lança a proposta de se desenvolverem instrumentos no sentido de observar mudanças particulares que estão ocorrendo no tempo presente para, daí, traçar conclusões acerca da mudança em geral. Nesse sentido, o papel da sincronia é ainda mais destacado. O citado autor (2017, p. 106-107) afirma:

Se a mudança linguística é decorrência da variação, mudanças devem estar ocorrendo ‘agora mesmo’, neste momento; podem não ser mudanças como aquelas que ocorreram séculos atrás (pois estamos em outro momento e lugar), mas, certamente, alguma mudança linguística deve estar em curso, já que a variação é fato inerente às línguas e não excepcional.

Destacamos a ideia de “mudança em curso”, proposta por Mendes (2017). De fato, a mudança é um fenômeno que se processa continuamente, e os seus reflexos são evidentes no estado atual da língua. O próprio conceito de língua defendido por Traugott e Trousdale (2013, p. 44, grifo nosso) implica a ideia de um “fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de modelos ao mesmo tempo em que há *variação* considerável em vários níveis”. Assim, a perspectiva sincrônica é bastante vigorosa nos estudos teóricos não só sobre variação, mas também sobre mudança. Afinal, o estado sincrônico da língua nada mais é do que um conjunto de diferentes camadas que emergem ao longo do tempo, como defende Hopper (1991). Sob esse ponto de vista, novas formas estão constantemente emergindo, sem que isso acarrete o desaparecimento de formas antigas.

Evidentemente, a mudança é uma realidade atestada em todas as línguas, e isso é verificado prioritariamente por meio de evidências históricas, analisadas em recortes diacrônicos. Por outro lado, a própria literatura que trata da mudança também aponta o valor e a utilidade dos estudos sincrônicos na investigação linguística, especialmente na interface com o conceito de “mudança em curso”. Assim é na Sociolinguística, mas não só, visto que essas discussões também estão presentes no bojo dos estudos funcionalistas e construcionistas. Por exemplo, ainda sobre essa relação entre variação e mudança, Trousdale e Traugott (2010, p. 26-27) afirmam:

Várias hipóteses foram apresentadas sobre a probabilidade de a variação sincrônica refletir a história passada. [...] Heine e outros argumentaram que a história pode ser reconstruída com base na variação sincrônica [...]. É uma hipótese razoável que a gradiência é o resultado de mudanças em pequenos passos, associadas à gradualidade.

Essa inequívoca relação entre sincronia e diacronia, tendo em vista que aquela é uma espécie de reflexo desta, encontra fundamentação bastante robusta também na literatura funcionalista, desde os primeiros trabalhos em gramaticalização. Nesse sentido, é possível a aplicação do instrumental teórico destinado ao estudo da mudança também a dados de recorte sincrônico, visto que a sincronia nada mais é que uma das camadas (a mais recente) da diacronia.

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, um dos mais destacados e atuais modelos de mudança é o da Construcionalização, proposto por Traugott e Trousdale (2013). Na próxima seção deste artigo, será possível verificar como esse conceito é definido.

O estatuto da Construcionalização

A combinação de pressupostos teórico-metodológicos do modelo da Construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) com o estudo dos contextos (DIEWALD, 2002) tem servido atualmente como base para diversos trabalhos científicos desenvolvidos no âmbito dos estudos diacrônicos do português, sobretudo aqueles que vêm sendo desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (UFF, UFRJ e UFRN) nos últimos cinco anos (ARENA, 2014; OLIVEIRA, 2015, 2016; TEIXEIRA, 2015; OLIVEIRA e AGUIAR, 2016; LOPES, 2017; LOPES, 2018, entre outros) .

O modelo da Construcionalização é um aparato teórico inicialmente desenvolvido para a mudança linguística, com base em dados da história da língua inglesa (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 2). O desafio que se apresenta pode ser sintetizado em uma pergunta: o modelo teórico da construcionalização pode ser adaptado a trabalhos sincrônicos?

Antes de tentarmos responder a essa pergunta, é importante discutir o conceito e as propriedades do que se conhece por *construcionalização*. Segundo Traugott e Trousdale

(2013), construcionalização é entendida como a criação de um pareamento de forma nova com significado novo. Por meio da construcionalização, novos *nós-type* são formados na rede linguística. Trata-se de um fenômeno que é acompanhado de mudanças nos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Acrescentamos que pode haver construcionalização de esquemas (que sempre resulta de micropassos e, portanto, é gradual), de subesquemas e de microconstruções (que podem ser criadas gradualmente, mas que também podem ser instantâneas). As microconstruções gradualmente criadas tendem a ser procedurais, ao passo que as instantaneamente criadas tendem a ser de conteúdo.

A construcionalização envolve neonálise de forma morfossintática e de significado semântico-pragmático. Mudanças fonológicas e discursivas também podem ser atestadas. No tocante à construcionalização gramatical, os autores assertam que esse fenômeno é gradual e requer mudanças construcionais⁴ prévias (uma sucessão de neonálises em micropassos). Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 27), as mudanças construcionais que precedem e “alimentam” a construcionalização tipicamente envolvem expansão e semanticização da pragmática, *mismatch* (sanção parcial) entre forma e significado e algumas pequenas mudanças distribucionais.

De uma forma bastante sucinta, a construcionalização consiste nesses traços previamente apresentados. Devemos ratificar que fica bastante evidente que todo aparato teórico foi desenvolvido para o tratamento de aspectos diacrônicos das línguas, haja vista a consideração de que a construcionalização gramatical, via de regra, envolve micropassos graduais de mudança, atestados ao longo do tempo.

Variação, gradiência e gramaticalidade

Grosso modo e resguardadas diversas complexidades naturais ao tema, é possível traçarmos uma correspondência entre conceitos elaborados no campo dos estudos diacrônicos e seus correlatos nos estudos sincrônicos. Vejamos:

⁴ *Mudanças construcionais* definem-se como mudanças que afetam traços de apenas um dos polos (forma ou função) de uma construção já existente.

DIACRONIA	SINCRONIA
mudança	variação
gradualidade	gradiência
gramaticalização	gramaticalidade

Quadro 1 – Correspondências (diacronia x sincronia)

Iniciemos nossa discussão pelo binômio *mudança x variação*, já brevemente abordado na primeira seção deste artigo. Segundo Trousdale e Traugott (2010, p. 5), “mais recentemente, a variação tem sido considerada em termos de não categorialidade ou gradiência, um termo usado para fazer referência a fenômenos de maior ou menor proximidade a um modelo”. Assim, formas variantes, na vertente teórica que adotamos, implicam diferentes níveis de associação a um exemplar. De fato, há diferentes graus de pertença de elementos a categorias, da mesma forma como os limites entre categorias são difusos.

Segundo Trousdale e Traugott (2010, p. 39), “a variação, ao longo do tempo, envolve a emergência de construções gramaticais: um processo gradual e global, que envolve uma série de microrreanálises locais discretas”. Logo, a associação entre construcionalização gramatical e variação sincrônica já havia sido ensaiada pelos autores citados antes mesmo da consolidação do modelo da Construcionalização, mas não desenvolvida nas obras mais recentes.

A gradualidade, como conceito diacrônico, envolve uma sucessão de micropassos e associa-se claramente à mudança linguística em perspectiva diacrônica. A gradiência, por outro lado, é um conceito sincrônico e se manifesta na variação em pequena escala. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 75), “as mudanças são sempre manifestadas na variação linguística. Isso significa que, em qualquer momento do tempo, as construções em mudança contribuem para a gradiência do sistema”. Assim, os autores reiteram a importância dos estudos sincrônicos, pois são eles que manifestam o estado atual das construções e a gradiência do sistema.

Em 2010, no livro *Gradience, Gradualness and Grammaticalization*, Trousdale e Traugott (2010, p. 21) são ainda mais explícitos ao afirmar que a gradiência sincrônica é um efeito da gradualidade diacrônica. Essa, por sua vez, é uma dimensão histórica daquela. A

gradiência é atestada por meio da negociação de sentidos operada entre falantes e ouvintes, na interface entre formas e significados. Sem dúvida, “gradiência sincrônica e mudança linguística gradual estão interconectadas” (ROSENBACH, 2010, p. 150).

Assim como há correspondência entre mudança e variação e entre gradualidade e gradiência, a literatura também atesta uma importante vinculação entre gramaticalização e gramaticalidade. De fato, os estudos em gramaticalização, amplamente desenvolvidos no campo do Funcionalismo Clássico (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), com o tempo, favoreceram o conceito de *gramaticalização sincrônica* e, em outro momento, de *gramaticalidade*. Segundo Hopper e Traugott (1997), o caminho diacrônico da gramaticalização poderia, de fato, ser concebido sincronicamente em termos de *continua* de gramaticalidade.

Esse ponto de vista é endossado por Pietrandrea (2005, p. 54), para quem a gramaticalidade não é uma propriedade binária. Ao contrário, existem *continua* em que formas linguísticas são ordenadas pelos graus em escalas. Lehmann (1985) também abordou essa questão e propôs seis critérios para a aferição de uma maior ou menor gramaticalidade, no campo dos estudos sincrônicos: escopo, integridade, integração, fusão, expressão e mobilidade.

O percurso histórico dos estudos em gramaticalização pode ser sintetizado em um movimento gradual em que os interesses fortemente concentrados na diacronia migram para a sincronia. Em outras palavras, de Meillet até os dias de hoje, podemos traçar uma linha em que a gramaticalização nasce essencialmente ligada a estudos diacrônicos e vai, ao longo do tempo, espraiando-se sobre a sincronia e, conseqüentemente, forjando conceitos e refinando pressupostos úteis à descrição do estado atual das línguas humanas.

Traugott e Heine (1991, p. 1), em um grande clássico dos estudos em gramaticalização, afirmam:

Há desacordos mais significativos sobre se a gramaticalização é primariamente um fenômeno diacrônico a ser estudado a partir de uma perspectiva de "fonte e caminho", ou primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista dos padrões fluidos de uso de língua ao longo do tempo ou em um momento sincrônico segmentado no tempo.

Fica claro que esse desconforto no campo da gramaticalização histórica moveu os pesquisadores a buscar caminhos teórico-metodológicos para a descrição da sincronia. O mesmo paralelo é proposto neste artigo. Afinal, o modelo teórico da construcionalização pode ser adaptado a trabalhos sincrônicos? Defendemos que sim. Sem dúvida, gramaticalização e construcionalização são conceitos distintos e estão inseridos em enquadres teóricos igualmente diferenciados, mas a relação entre ambos também é flagrante. Com relação a esse ponto, Traugott e Trousdale (2013, p. 147) afirmam:

Uma perspectiva construcionalista dá suporte a um modelo de gramaticalização como expansão. Ao mesmo tempo, é compatível com um modelo de gramaticalização como redução e aumento de dependência. Isso ocorre porque a construcionalização gramatical envolve expansão nas construções e aumento no uso por um lado, e *chunking* e fixação da forma por outro.

Tomando como base o fato de que a construcionalização gramatical – escolhida como ponto de partida deste trabalho – implica expansão de produtividade e esquematicidade, mas redução de composicionalidade, propomos uma aplicação empírica da construcionalização a um recorte sincrônico, ao que temos chamado de *construcionalidade*. Com isso, reiteramos a defesa de que o modelo teórico da construcionalização definitivamente pode ser repensado no âmbito das pesquisas essencialmente sincrônicas.

Construcionalidade

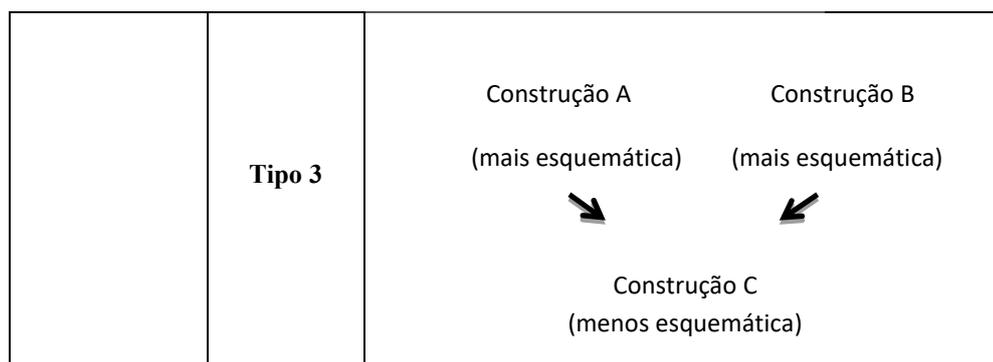
Diante das reflexões realizadas até este ponto do artigo, ficou claro como os estudos de base diacrônica, aos poucos, foram se moldando e se adaptando para dar conta de pesquisas sincrônicas. Em especial, a ideia de que a mudança gradual se reflete na gradiência sincrônica da gramática parece ser ponto pacífico entre os teóricos.

Devemos destacar que os diferentes modelos de gramáticas de construções que vêm sendo adotados são empregados, sobretudo, em pesquisas sincrônicas. De fato, tais gramáticas não foram originalmente pensadas para o estudo da mudança linguística, mas para a representação do conhecimento linguístico na mente dos falantes.

A Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001), por exemplo, que tem sido amplamente empregada nos estudos funcionalistas, muito embora aborde o fenômeno da gramaticalização (cf. CROFT, 2001, pag. 261), foi um modelo pensado, na verdade, para a descrição das categorias sintáticas e de universais tipológicos. Por isso, os estudos funcionalistas que fazem uso do modelo construcional conciliam alguns aspectos dessa teoria (sobretudo, o conceito e as propriedades da construção) com os pressupostos de modelos baseados no uso. O foco são os processos cognitivos e os micropassos envolvidos na mudança (cf. BYBEE, 2006; 2010; 2015; TRAUGOTT, DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010), assim como a mudança categorial (via gramaticalização) e/ou polissemia de uma dada construção linguística.

Com base nas ponderações realizadas até este ponto, podemos definir **construcionalidade** como a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. Essa definição pode ser ilustrada da seguinte maneira:

Relações horizontais	Construção A ↔ Construção B	
Relações verticais	Tipo 1	<p>Construção A (mais esquemática)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Construção B (menos esquemática)</p>
	Tipo 2	<p>Construção B (mais esquemática)</p> <p style="text-align: center;">↑</p> <p>Construção A (menos esquemática)</p>



Quadro 2 - Relações e tipos de construcionalidade

A partir desse esquema, podemos aferir, no mínimo, quatro diferentes relações que configuram a construcionalidade (uma em nível horizontal e três em sentido vertical). As relações horizontais são basicamente atestadas entre microconstruções (ou subesquemas), em um mesmo nível hierárquico. As relações verticais, por sua vez, são aferidas por meio de diferentes níveis de esquematicidade em uma determinada rede construcional.

A relação horizontal se dá quando há duas construções que compartilham traços comuns em um mesmo nível da hierarquia, especialmente entre microconstruções. Por exemplo, as microconstruções conectoras correlativas disjuntivas *quer...quer* e *seja...seja* (ROSÁRIO; ACOSTA, 2018) exibem uma relação horizontal de construcionalidade, tendo em vista que podem ser consideradas duas microconstruções aparentadas entre si, tanto no plano da forma (verbo em P3 + verbo em P3) quanto no plano do significado (servem como conectivos de relações correlativas disjuntivas). Contudo, apesar de estarem em um mesmo nível da hierarquia construcional, é possível verificar que *seja...seja* ainda admite uma forma flexionada (*sejam...sejam*), o que já não ocorre com *quer...quer*. Assim, ambas estão sincronicamente em um mesmo nível hierárquico, mas exibem propriedades gramaticais distintas, visto que são reflexos sincrônicos de camadas (HOPPER, 1991) pretéritas da língua.

Neste ponto, defendemos que *seja...seja* e *quer...quer* representam diferentes níveis de gramaticalidade. Não seria possível falarmos em “graus distintos de construcionalidade”, pois isso conflitaria com uma concepção epistemológica adotada neste trabalho: a de que a língua é um inventário estruturado de construções. Nesse sentido, não há gradação entre elementos “mais construcionais” ou “menos construcionais”, visto que todos os elementos linguísticos em uso são construções (desde estruturas atômicas até formações complexas).

Ao defendermos os diferentes níveis de gramaticalidade entre essas construções conectoras (que são de natureza procedural), indicamos os diferentes graus de gradiência ou de pertença de uma determinada (micro)construção ao polo da gramática. No enquadre de uma proposta que visa a explorar a construcionalidade em âmbito gramatical, atesta-se a plausibilidade e a coerência de defendermos a existência de diferentes níveis de gramaticalidade, tendo em vista que uma expressão conectora exibe, por exemplo, traços de flexão (*seja...seja*), ao passo que outra não (*quer...quer*).

Nas relações verticais, podemos verificar o Tipo 1, o Tipo 2 e o Tipo 3. Com relação ao Tipo 1, há relação de construcionalidade quando uma Construção B está ligada a uma Construção A em nível superordenado. Essa ligação se dá por meio de uma direção *top-down* (de cima para baixo), em que um nível mais esquemático e abstrato está associado a um nível menos esquemático e concreto. Por exemplo, ainda com relação a *seja...seja* e *quer...quer*, podemos propor outro ângulo de análise, em que essas construções conectoras correlativas são ligadas a um nível maior de esquematicidade: o subesquema $V + V$. Vale destacar que essa é uma constatação que pode ser feita com base na sincronia, visto que esses diferentes níveis de esquematicidade convivem na língua portuguesa no momento presente. Além disso, esse Tipo 1 também possibilita a análise de outros padrões menos canônicos na língua, como *queira...queira* e *aconteça...aconteça*, por exemplo. De fato, são pares correlativos igualmente gerados a partir de $V + V$, em sentido descendente.

O Tipo 2 prevê a formação ascendente, quando uma Construção A (menos esquemática) liga-se a uma Construção B (mais esquemática), sendo esta originada por aquela. Essa ligação se dá por meio de uma direção *bottom-up* (de baixo para cima). Como sabemos, as construções mais esquemáticas, como os subesquemas e esquemas, não existem aprioristicamente. Surgiram no sistema a partir de processos de abstratização dos constructos, cuja recorrência de uso resultou na sua emergência. Desse modo, se tomarmos a construção transitiva direta (SUJ VTD OD) como exemplo, podemos pensar que essa estrutura argumental se formou a partir de seus constructos inaugurais, sem que houvesse, previamente na língua, esquemas superordenados dos quais a construção transitiva direta pudesse herdar propriedades. Sob esse ponto de vista, acreditamos que esse tipo de formação seja um tanto raro na língua. Cabe frisar que tanto os constructos inaugurais quanto a construção transitiva direta propriamente dita convivem sincronicamente na língua em uso, sem necessidade de

recorrermos a dados históricos. Outro exemplo mais recente de construcionalidade vertical do Tipo 2 é a que se verifica entre *#sóquenão* e *#sóqueX*, conforme atestado em pesquisa sincrônica desenvolvida por Gervásio (2016). O uso inaugural contemporâneo *#sóquenão* ensejou a formação do subesquema *#sóqueX* (em direção ascendente, ou seja, *bottom-up*) que, por sua vez, permitiu as formas *#sóquesim*, *#sóquesempre*, *#sóquenunca* etc. Todas essas formações convivem no estado atual da língua.

Por fim, a relação do Tipo 3 indica construções formadas por meio de especiais *links* de herança. Ocorre quando há um *mismatch* de um constructo que acarreta a instanciação de diferentes partes/propriedades de duas ou mais construções em níveis mais esquemáticos. Como ilustração, podemos citar a construção transitiva causativa, uma construção de estrutura argumental investigada por Lopes (2015b; 2017) e Lopes e Menezes (2018), em que verbos originalmente empregados em uma construção inacusativa (isto é, composta por um verbo intransitivo que seleciona um sujeito de papel paciente) são recrutados por uma construção biargumental, com seleção de sujeito agente e objeto afetado pela ação do verbo. Vejamos duas ocorrências citadas por Lopes e Menezes (2018, p. 91), sendo a primeira um exemplo da construção inacusativa e a segunda da construção transitiva causativa:

(1) Não é raro que médicos digam aos pais de uma criança com TDAH que “*isto desaparecerá com o tempo*”.

(2) *Prefeitura de Volta Redonda desaparece com mais de R\$ 7 milhões da educação para 1998.*

Segundo os autores, uma vez que *desaparecer* é um verbo originalmente inacusativo, ele é tipicamente recrutado por uma construção de padrão [X_{paciente} V], como ocorre em (1), por exemplo. Não obstante, em (2), tal verbo passa a ser recrutado por uma construção biargumental de padrão [X_{agente} V.COM Y_{afetado}], na medida em que a oração passa a apresentar um sujeito agente e um objeto afetado. Desse modo, podemos compreender que, em (1), *Prefeitura de Volta Redonda* é o agente, ao passo que *R\$ 7 milhões da educação para 1998* é o objeto.

De acordo com Lopes (2018), a construção transitiva causativa apresenta propriedades formais da construção inacusativa (a manutenção de um verbo originalmente inacusativo e uma preposição que anteriormente encabeçava um adjunto adverbial, como observamos no

primeiro exemplo), além de algumas propriedades da construção transitiva prototípica (um termo agente como sujeito e um termo afetado como objeto). Essa relação pode ser assim representada:

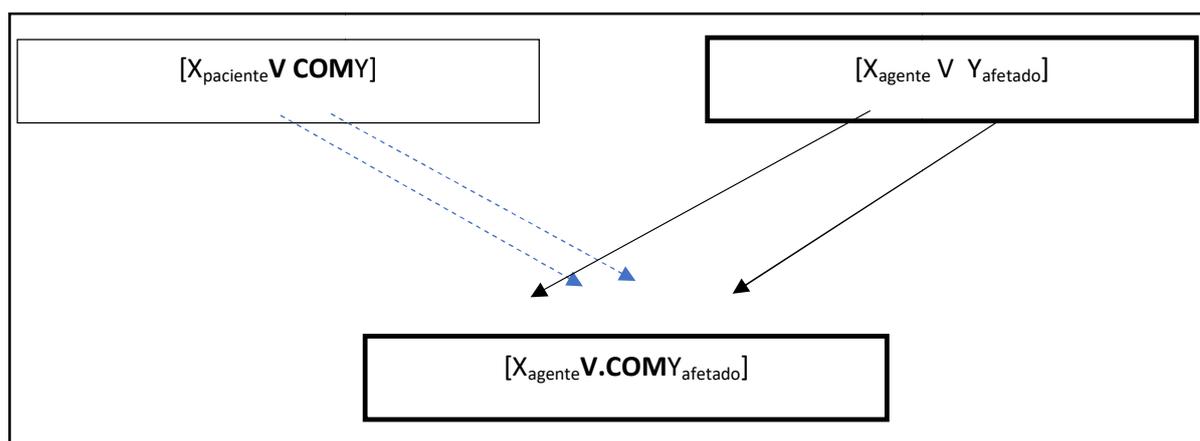


Ilustração 1 – Relações de herança da construção transitiva causativa

Na figura 1, o autor chama a atenção para a diferença da representação dos traços, assim como para a espessura das caixas. A construção transitiva causativa, embora compartilhe propriedades de duas construções mais esquemáticas, é um exemplar da construção transitiva $[X_{agente} V Y_{afetado}]$, e não mais da construção inacusativa. Por isso, a ligação com esse esquema está mais esmaecida, como podemos perceber tanto pela espessura mais fina da caixa como pelas linhas tracejadas que ligam o verbo e a preposição à nova construção.

Em nosso ponto de vista, esse tipo de análise (referente à relação vertical de construcionalidade do Tipo 3), feito a partir de dados sincrônicos, só é possível quando há coexistência das duas construções (em nível superordenado) em uma mesma sincronia. Sob essa ótica, para estabelecer uma relação de uma construção com outras de níveis mais esquemáticos, devemos observar as propriedades da forma e do significado (CROFT, 2001).

Em se tratando de mudança que seja resultado de uma construcionalização gramatical (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), podemos distinguir a construção fonte da construção nova a partir dos fatores da esquematicidade e da composicionalidade. As construções mais procedurais (e, por isso, mais recentes) apresentam menor grau de composicionalidade (e, não raro, maior vinculação entre os elementos) e aumento de esquematicidade. Nesse sentido, na

construção transitiva causativa, de um lado, verbo e preposição encontram-se mais vinculados⁵; de outro, a inserção de um novo padrão sintático para as construções transitivas acarreta a expansão do esquema, que passa a aceitar novas formas em seu inventário.

Feitas essas ilustrações de cada tipo de construcionalidade, vale destacar que nem sempre as construções (em seu estado sincrônico na língua) são produtos de derivações diacrônicas atestadas em uma sincronia pretérita. Afinal, pode haver a atuação de mecanismos de analogização em uma mesma sincronia. Ademais, nem sempre é possível atestar a origem histórica de uma dada construção por falta de registro. Essas são, sem dúvida, mais algumas vantagens da aplicação do constructo teórico apresentado neste artigo.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), na pesquisa diacrônica, a construcionalização gramatical é caracterizada pela diminuição de composicionalidade e aumento de produtividade e esquematicidade. Considerando que as construções gramaticais convivem em um determinado estado sincrônico da língua com diferentes níveis de integração sintático-semântica, ou seja, com diferentes níveis de gramaticalidade, então, dentro de uma família de construções, é empiricamente comprovado que nem todas as construções exibem o mesmo nível de pertença ao esquema. De fato, há convivência de microconstruções com diferentes níveis de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, visto que esses fatores são atestados em *continua*, de forma gradiente.

Traugott e Trousdale (2010, p. 154, grifo nosso) afirmam:

Se nós pudermos rastrear a emergência gradual de uma nova construção a partir de uma construção antiga, então a construção emergente necessariamente exibirá, na sincronia, propriedades que são compatíveis com ambas as construções, isto é, **gradiência construcional**. Por fim, uma abordagem quantitativa, baseada em corpus pode nos ajudar a defender a prototipicidade de construções e tornar explícita a natureza gradual da mudança.

Como ficou claro até este ponto, propomos que os estudos em construcionalidade adotem os mesmos fatores de análise da construcionalização (*esquematicidade, produtividade e composicionalidade*), visto que são perfeitamente operacionalizáveis no recorte sincrônico.

⁵ Lopes (2018) sustenta uma maior vinculação entre verbo e preposição na construção transitiva causativa do que na construção inacusativa porque procedeu à investigação de mais de 600 ocorrências em que a preposição estivesse anteposta ou posposta ao verbo em até oito posições. Observou também que, na primeira construção, a preposição se encontrava imediatamente após o verbo em todas as ocorrências, ao passo que, na última, apresenta liberdade posicional, dada sua natureza adverbial.

De fato, o aumento dos dois primeiros fatores e a diminuição do último, embora sejam, *a priori*, resultados de processos diacrônicos, podem ser mensurados sincronicamente, desde que as construções em nível mais alto e em nível mais baixo ainda sejam empregadas na sincronia em estudo. Ademais, esses fatores precisam ser sempre adotados em uma ótica de gradiência, conforme postulado nesta pesquisa.

Assim, apresentamos uma breve exposição da construcionalidade nas relações horizontais e nos três tipos de relações verticais, associando-a especialmente aos conceitos de gradiência e gramaticalidade. Por meio desse artigo, julgamos a pertinência e a plausibilidade da proposta, bem como sua aplicação empírica a um recorte essencialmente sincrônico, no plano gramatical.

Considerações Finais

Em 2013, Traugott e Trousdale propuseram um modelo de base construcionista para o estudo da mudança linguística em perspectiva diacrônica. Desde então, pesquisadores brasileiros (como os integrantes do *Grupo de Estudos Discurso & Gramática* e do *Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*, por exemplo) têm aplicado o modelo, que tem se mostrado bastante profícuo em nossas análises.

Não obstante, uma vez que uma parte considerável das pesquisas por nós orientadas é de caráter sincrônico, sobretudo no nível de mestrado, carecíamos de um modelo analítico de mudança linguística em perspectiva construcionista que desse conta de dados sincrônicos. Exatamente por esse motivo, optamos por apresentar a proposta consignada neste artigo científico, que visa a demonstrar a aplicabilidade do conceito de *construcionalidade*.

Grosso modo, enquanto a construcionalização é vista como o *resultado* de micropassos de mudança diacrônica, via neanálise e/ou analogização, que podem ser atestados pelo estudo dos contextos de mudança (DIEWALD, 2002), a construcionalidade deve ser vista como a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. Sob esse ponto de vista, os fatores da construcionalidade (que

são os mesmos da construcionalização, a saber, composicionalidade, esquematicidade e produtividade) são relevantes para a descrição científica.

Temos ciência de que nossa proposta, ao mesmo tempo em que é relevante, porque vem ao encontro de necessidades empíricas e metodológicas de pesquisa, é também audaciosa. Por ora, destacamos que este é apenas um primeiro passo em prol da construção de um corpo teórico que seja aplicável aos estudos sincrônicos no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Como ficou claro ao longo das seções apresentadas, este artigo objetivou discutir a construcionalidade *gramatical*, visto que lançou uma proposta baseada em construções procedurais da língua portuguesa. Defendemos que também seja possível a elaboração de um modelo sincrônico voltado para a construcionalidade *lexical*. Sob o prisma desta proposta, é necessário também aprofundarmos os conceitos de *analísabilidade*, *neonálise*, *analogização*, *função*, *sentido* e tantos outros que ainda requerem a atenção dos especialistas.

Por fim, enfatizamos que as reflexões aqui apresentadas deverão ser submetidas ao espírito crítico dos pesquisadores e passar por refinamentos, a fim de que, com o tempo, possamos contar com uma base teórica progressivamente mais consistente para o estudo de fenômenos linguísticos que se desenvolvam em recortes sincrônicos.

Referências

ARENA, Ana Beatriz. Rota de construcionalização do conector ‘daí que’: uma abordagem funcional centrada no uso. *Revista SOLETRAS*, v.1, p. 60-77, 2014.

BYBEE, Joan. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

DELANCEY, Scott. Grammaticalization and Linguistic Theory. In: GARCIA, Jule Gomez; ROOD, David S. (Eds.). *Proceedings of the 1993 MID – America Linguistics Conference and*

Conference on Siouan/Caddoan Languages. University of Colorado. Boulder, Colorado, 1994.

DI EWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: Wischer, Ilse & Diewald, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002.

FAARLUND, Jan Terje. Pragmatics and syntactic change. In: BREIVIK, Leiv Egil; JAHR, Ernst Håkon. (Orgs.). *Language Change: Contributions to the Study of its Causes*, 71-98. (Trends in Linguistics; Studies and Monographs, 43.) Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

GERVÁSIO, Tharlles Lopes. *Construções #SóQueNão e #SóQueNunca à luz da Linguística Cognitiva*. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. In: *Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, 7., 1971, Chicago. Papers... Chicago: Chicago Linguistic Society, 1971. p. 394 - 415.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B (eds). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

_____; TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985.

LOPES, Monclar Guimarães. *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

_____. Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4., v.7, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.

_____. *Transitivização de verbos inacusativos no português brasileiro sob a perspectiva da LFCU*. Comunicação oral apresentada em: XXXIII Encontro Nacional de Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Literatura. 28 de junho de 2018, UFMT, MT.

LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. A formação do subesquema argumental causativo no português brasileiro. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54., v. 1, 2018. Disponível em:

<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>

MENDES, Ronald Beline. A terceira onda da Sociolinguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo, Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVERIA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (Org) *Linguística centrada no uso – teoria e método*. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015, v. 1, p. 22-35.

_____. Hierarquia contextual e construcional: correspondência e implicações. *Revista Linguística*, v. Esp, p. 68-82, 2016.

_____; AGUIAR, Milena Torres de. SN e Pronome Locativo – Um caso de Construcionalização Lexical na Língua Portuguesa. In: SILVA, Camilo Rosa; MATOS, Denilson P. de. (Org). *Usos Linguísticos: Formas & Funções*. 1 ed. Curitiba: CRV, v.1, p. 161-180, 2016.

PIETRANDREA, Paola. *Epistemic Modality: functional properties and the Italian system*. Amsterdam, John Benjamins, 2005.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; ACOSTA, Jovana Maurício. Inventário dos correlatores disjuntivos do Português do Brasil. In: *Confluência*, nº 54, p. 67-89, 2018. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/245>.

_____; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, nº 60, v. 2, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSENBACH, Anette. How synchronic gradience makes sense in the light of language change (and *vice versa*). In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: _____. TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2010.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, HEIKO & HEINE, Bernd (edição). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press: 2011, p. 19-30.

_____; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____; HEINE, Bernd. *Approaches to Grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*, vol. 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construcional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Preface. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

Constructionality: a proposal of synchronic application

Abstract: In this paper, we propose a synchronic approach to the study of linguistic change in a constructionist perspective. We develop an analytical model based on the theoretical assumptions of both Constructionalization and Construcional Changes (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) and other studies about variation, gradience and grammaticality (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2010; ROSENBACH, 2010; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; PIETRANDREA, 2005; among others). The perspective of Constructionalization and Construcional Changes (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), although it represents a both cognitive and functionalist model for the study of linguistic change, it was developed for diachronic investigation only, as the authors themselves maintain. Based on this point of view, we elaborated the term *constructionality*, which describes the horizontal and vertical relations among constructions in the same synchrony. We believe that this approach fills a gap in theoretical constructionist studies, given the large number of researches in synchronic perspective in progress in our country.

Keywords: Constructionality. Linguistic change. Usage-Based Functional Linguistics.

Recebido em: 24 de setembro de 2018.

Aceito em: 13 de abril de 2019.